

Produção audiovisual

Elaine Meneghini

(Bacharel em Comunicação Social/UA e produtora de televisão)

Foi um privilégio ter tido a oportunidade de trabalhar em vídeo na TVE de 1987 a 1990; de 1990 a 1993 na ACTVÍdeo, como sócia; de 1994 a 1997 na TV Cultura e, de 1997 até hoje, na Rede Amazônica, como produtora executiva.

Essas empresas são verdadeiras escolas de vídeo, e a experiência que adquiri foi muito importante, tanto em vídeos comerciais como culturais, pois temos a liberdade de desenvolver, desde o projeto, a pesquisa, roteiro, produção, direção até a finalização total de um vídeo. Particpei de vendas de patrocínio (merchandising) e apoio cultural a produções e vídeos prontos na ACTVÍdeo (em Manaus, Rio e São Paulo), uma experiência importante na área, para se perceber o que o público realmente deseja em cada momento. Ao contrário de muitas outras localidades, como o Sul e Sudeste, onde há um profissional para cada atividade, nós, aqui no Amazonas, como produtores executivos, temos a oportunidade de participar diretamente de todas as atividades que envolvem a produção de um vídeo.

Na TVE, comecei editando um vídeo sobre o boi de Parintins baseado no texto da Salete Lima e Natacha Andrade. Chamava-se “Festival Folclórico de Parintins”, produzido em 86/87 em U-Matic. Fazia parte de uma série patrocinada, na época, pelo MEC, no projeto Cenário Popular. Todas as nossas produções que envolviam o boi de Parintins eram feitas em parceria com a Rede Amazônica, que cedia equipamentos, cinegrafistas e editores. Um desses documentários chamou-se “Folclore na Floresta”.

Em 1995, na TV Cultura, produzi o documentário “A Ilha do Folclore”. Lembro que, ao finalizar o vídeo, tive a sensação de não haver conseguido transmitir absolutamente nada da festa. Alguns dias depois, deu-se a veiculação e, para minha surpresa, muitos telespectadores ligaram elogiando o documentário de apenas 17 minutos. Isso motivou-me a continuar produzindo vídeos sobre boi-bumbá. Esse vídeo foi, mais tarde, veiculado pela TV Cultura de São Paulo em nível nacional.





Na TV Cultura local produzi alguns compactos com abertura e o desenrolar da festa no Bumbódromo. Em 1997, também fiz alguns programetes de um a dois minutos cada, com apoio de algumas empresas da região. A idéia era mostrar o significado dos personagens do boi-bumbá de Parintins. A Rede Amazônica, nos anos seguintes, continuou produzindo os compactos, comercializando-os em VHS.

Minha experiência aponta quatro tipos de vídeo (VHS) de boi-bumbá desejados e procurados por populações regionais e de outras localidades:

1. *Compactos*: abertura de dois a três minutos, com o resumo da festa durante os três dias. São destinados ao público em geral, de Manaus e de fora. São, em geral, filmagens de pessoas que, de uma forma ou de outra, participaram da festa, e que desejariam um vídeo sem cortes, o que é impossível, pois a festa tem, aproximadamente, 18 horas no total, e nós temos que compactá-la em uma hora, até 90 minutos. Esse público exige a produção dessa fita todos os anos, no menor espaço de tempo. Para que isso aconteça o mais rápido possível, temos de trabalhar em tempo recorde. Há muita ansiedade do público em torno desse vídeo. Em geral, é um público apaixonado pela festa que não vê, de bom grado, os cortes que somos obrigados a dar. Recebemos algumas reclamações. Antigamente, escolhiam-se três ou quatro músicas para cada apresentação que eram inseridas como se fossem um desfile de escola de samba e não uma encenação teatralizada que se desenrola numa arena. Hoje, temos o cuidado de adequar a música ao momento de cada apresentação.

2. *Vídeos com 18 horas de gravação*: um outro público é o parintinense, o dono da festa, que gostaria que o vídeo fosse realmente de 18 horas, o tempo real do Festival, para poder analisar e curtir o seu trabalho. Infelizmente, esse vídeo ainda não pôde ser feito.

3. *Vídeos distintos para cada boi*: além dos públicos já citados, ainda existe aquele que deseja um vídeo separado para cada boi, para poder curtir o boi de seu interesse. Eu não tenho conhecimento que esse vídeo já tenha sido produzido. A Rede Amazônica já produziu muitos compactos da festa parintinense, feitos até 1999. Em 2000, a TV A Crítica ficou com os direitos de transmissão e coube a ela produzir o compacto desse ano.

4. *Documentário*: Constitui-se na exploração audiovisual de um tema, tem custo altíssimo e necessita de apoio e patrocínio de empresas para ser produzido. Segundo Ricardo Labuto Gondim, em *Roteiro para Vídeo Corpo-*



rativo, o documentário começa com o boi no pasto e termina com o sapato na vitrine. Em julho de 2000, a Rede Amazônica lançou o “Folclore na Floresta” com o patrocínio das empresas Belmiros’s e Carrefour. Apesar de ser um vídeo de melhor qualidade em conteúdo, imagem e som, é o menos procurado. Para ser vendido, há que trabalhar muito em estratégias de venda. Hoje, “Folclore na Floresta” está sendo exibido em vãos nacionais e internacionais da Varig e distribuído pela Cosmos Vídeo em muitas localidades, em inglês e português, e com muito boa repercussão.

A Rede Amazônica vem produzindo compactos sobre o Festival Folclórico de Manaus, Ciranda de Manacapuru, FECANI e Boi-Manaus. No ano passado, foi a minha primeira experiência na produção desses compactos.

Como dissemos, o documentário é a exploração audiovisual de um tema. Cada pessoa tem uma forma particular de elaborar um roteiro. Em geral, os produtores gravam suas imagens e, a partir delas, desenvolvem seu roteiro, levando-o para as gravações, para orientação. Eu escrevo um roteiro bem longo sujeito a cortes e seleção. No caso do boi, leio primeiro tudo o que foi escrito, assisto a muitos vídeos e começo a escrever. Escrevo como se escrevesse para jornal. Depois, vem a seleção. Dependendo do tipo de vídeo que se espera, selecionamos os pontos que mais interessam ao aspecto abordado. No caso de um vídeo turístico, como o “Folclore na Floresta”, temos que dar importância ao visual e à estética, mas nesse vídeo tivemos a preocupação de mostrar um pouco do lado humano quando evidenciamos os bastidores: o trabalho nos QG’s, o envolvimento das pessoas da cidade com a brincadeira, as toadas, seus autores, a organização da festa, a rivalidade, os temas escolhidos e, um pouco, sobre o significado de alguns símbolos. Na verdade, há muita frustração na hora de cortar informações importantes, não só pelo tempo, apenas 30 minutos, mas para que o vídeo não se torne cansativo.

Aí nasce o roteiro, que é um jogo entre *off*, trilha e imagem. Uma coisa é certa: o roteiro que levo para orientar as gravações jamais será o mesmo até o final. Às vezes, ele é totalmente modificado durante as gravações e a edição. No roteiro inicial, fazem-se previsões do que pode acontecer, mas o documentário é jornalismo, e o imprevisível acontece.

A produção de um vídeo é a parte braçal; trata-se de viabilizar o roteiro, e envolve toda a organização do trabalho: passagens, hospedagem e alimentação para a equipe, contatos, material de produção, patrocínio, pedido de autorização de uso de imagem e de música, etc. Chove, faz sol, marcam-se,





desmarcam-se externas. No caso do boi, tenho algumas facilidades, pois minha família é toda de Parintins e morei lá quando criança, além de trabalhar com o tema desde 86.

Daí em diante, tudo depende da produção e da direção, que caminham juntas. As gravações para o “Folclore na Floresta” começaram no início de junho de 99 e foram até o final do mês. A edição durou, aproximadamente, dois meses.

A Rede Amazônica já produziu e veiculou inúmeros programas de boi via TV Amazonas e Amazonsat. O programa Tribos do Sat veiculou um produzido por mim e que teve a participação do professor e antropólogo Sérgio Gil Braga, da Universidade do Amazonas, “Parintins no Compasso das Toadas”, com depoimentos de compositores de toadas antigas e atuais.

São essas, enfim, algumas das considerações sobre demandas por vídeos sobre bois-bumbás que eu poderia trazer aqui nesta comunicação.

Salete Lima

(Bacharel em Comunicação Social/UA, professora do Departamento de Comunicação Social da UA e produtora de televisão)

Há vinte anos acompanho a história do boi, fazendo a cobertura do Festival de Parintins. Sou jornalista, mas exerço a função de produtora de TV, mais na área do gênero documentário. Sempre fui crítica à posição da Academia, que tem preconceito em relação ao boi de Parintins.

O produtor de TV não é um pesquisador; serve-se do conhecimento que existe no mercado, na academia, elabora um roteiro e faz a concepção de uma obra. Ele não detém o conhecimento, tem apenas o conhecimento técnico. Utiliza um conhecimento que não está nele, mas no outro. Eu sempre recorri à academia, mesmo porque sou formada aqui. Mas, quando eu procurava as pessoas para dar depoimentos, para eu compreender melhor o meu objeto, sempre me olharam de forma atravessada, sempre fugiam pela tangente, como se o tema do boi de Parintins fosse algo menor.

Quando fui pela primeira vez a Parintins, em 1982, eu também tinha preconceito, confesso. Na época trabalhava no jornal *A Notícia*, como jornalista, e um ano antes havia escrito uma matéria sobre o boi de Parintins, sem nunca ter ido a Parintins. Tenho essa matéria guardada, como uma referên-



cia para não ter mais preconceitos. Foi uma lição que aprendi. Escrevi uma matéria preconceituosa, criticava o fenômeno do fanatismo do parintinense em relação ao boi. Então, em 82, trabalhando na antiga TV Educativa, hoje TV Cultura, quando tive o contato pela primeira vez com o Festival, fui *in loco* filmar e ali o mundo se abriu, porque antes, quando eu escrevia a matéria, eu a escrevia pelo referencial do outro, do que me tinham falado. Lá, eu tive uma nova visão do fenômeno e vi sua riqueza e a minha impossibilidade de fazer a sua leitura.

A gente se sente muito pequeno ante aquela riqueza simbólica. Desde aquela época eu tinha em mente a pesquisa de cada parte, de cada item, daria uma tese. Por que as pessoas não estudam, por que a Universidade não está estudando esse fenômeno, me perguntava. O estudo sobre o imaginário tem sentido se entendermos que o imaginário só existe se existir a realidade, o concreto. Paes Loureiro alertou sobre essa questão: se destruírem a floresta, se poluírem os rios, acaba o imaginário do homem amazônico. Um produtor só cria bons roteiros, o imaginário dele só funciona se ele tiver o conhecimento. Ao longo de vinte anos, eu tive sérios problemas, nos últimos três anos não quis mais fazer cobertura porque o meu conhecimento sobre o fenômeno se esgotou. Seria a repetição daquilo que já vinha fazendo. O roteiro só nasce com o conhecimento.

Tenho plena consciência deste momento histórico, vivenciado pela Universidade e pelo próprio fenômeno bumbá de Parintins, que o vai vivenciar a partir de hoje. Posso dizer que há um divisor de águas: a partir do momento em que a academia assume uma posição, em que ela vai ser sujeito dessa história e estudar aquele objeto, vai ter uma repercussão muito grande na mídia, de que eu tenho severas críticas, pois, mesmo estando dentro dela, posso vê-la criticamente, e esses estudos irão refletir-se dentro do próprio boi. Desde a década de 80, percorrendo com Odinéia Andrade os QG dos bois, percebi que eles, sozinhos, já se preocupavam com essa questão da estética, das plumas e dos paetês, já discutiam a questão da identidade, pesquisando sozinhos. Quem não lembra da miss do boi? Moças de fora, quase sempre louras. Quem não lembra das touradas no boi? Internamente, houve sempre discussões, com transformações. O boi é algo dinâmico.

A academia está revendo também seus conceitos, realizando este encontro. Vamos ver se a mídia vai acompanhar, porque a mídia é medíocre quando cobre o Festival de Parintins. Fica na mesmice, não se renova. Mas, a partir de agora, pode renovar-se pra criar bons roteiros, boas matérias.





Durante esses anos todos que faço a cobertura da mídia eletrônica, eu acompanhei de perto tanto a parte documental como a parte jornalística. Podemos vislumbrar duas vertentes, na cobertura: uma, desde 1982, é a da “espetacularização”, dos jornalistas que só se preocupam com o espetáculo, com a imagem: a “imagem vale mais que mil palavras” e não passa disso!; a segunda, dos jornalistas mais comprometidos com a questão social, que se preocupam com a imagem, claro, mas a preocupação extrapola, trabalham com as “conexões”, vão em busca dos porquês, vão além do visual, vão buscar a vivência, dar vida às pessoas que produzem essa beleza toda do Festival. É nessa vertente que eu me posiciono.

O comunicador precisa de munições, que a academia pode dar. São os instrumentos com que vai olhar a realidade; além do lúdico, ele passa algo mais. Junto com a imagem, vai vender idéias, modos de vida de uma população. Como muitos não somos do local, é necessário maior preparo para compreender aquele fenômeno. Quando você tem mais preparo científico, você pisa com mais firmeza no solo. Então, vai a campo e checka a pesquisa.

Ao longo desses anos de cobertura, eu sempre busquei compreender qual a minha identidade, a identidade do homem amazônida, pois penso que isso é que está no fundo de tudo. Vamos falar da festa, vamos mostrar a beleza, mas vamos ir além da estética, vamos ser mais profundos.

